

NOS MEANDROS DE *MUNDOS MORTOS*: CARTA A OTÁVIO DE FARIA

Marcos Antonio de Moraes *

"A Mário de Andrade, com a mais viva admiração e grande simpatia, oferece Octávio de Faria. Rio, 10/8/1937". *Mundos mortos*, edição José Olympio desse ano, contém curiosa "Nota preliminar" impressa: "Este romance é o primeiro de uma série. Seus heroes reaparecem mais tarde, em outros volumes. Nenhum deles representa pessoa viva ou morta, nem o proprio autor, nem ha no romance referencia a lugares ou acontecimentos conhecidos. Nem se trata de livro para andar em quaesquer mãos, sendo necessario para entende-lo convenientemente uma certa compreensão das coisas que só a idade traz." O exemplar do romance *Mundos mortos*, com a dedicatória do autor, pertencente à biblioteca de Mário, conserva as bordas fechadas — zelo de bibliófilo. Outro exemplar do mesmo livro, adquirido pelo escritor na Livraria Universal da Rua 15 de Novembro, em São Paulo, por 10.000 réis — comprado quatro dias depois de ter recebido o romance — traz nota marginal e correção resultantes da leitura. Esse *Mundos mortos* escondeu/guardou entre as páginas o recibo de compra e uma carta de Mário. Cópia carbono, datilografada na companheira-Remington-Manuela, sem assinatura, endereçada ao autor do livro. Nela, Mário esboça suas impressões de leitura. Presentindo polémica, conserva, com a cópia, os argumentos, na virtualidade do embate de opiniões. "Meu temperamento combativo gosta de se espriar nas dissensões", confessa na carta. Nesse momento, as diferenças possibilitam o nascimento da correspondência, a resposta perfazendo a dimensão do diálogo epistolar. Mário parece desejar o prolongamento desse exercício do pensamento crítico, que toma forma já na própria carta, no diálogo que supõe.

Ainda é precária a definição de Epistolografia em Mário de Andrade: os desdobramentos e significados rejeitam classificações estanques. Correta, por enquanto, é a afirmação de que estamos diante de um gênero fluido, onde, muitas vezes, o espaço da carta é também o laboratório da crítica, da crônica, do diário confessional, do conto, do texto didático... Mergulhar na correspondência do criador da "Carta pras Icamíabas", escrita pelo cabotino Macunafma, será sempre entrar no vasto terreno da experimentação. A grandeza dessa correspondência está além do dado quantitativo, que, também ele, nos surpreende de tempos em tempos, com a revelação de novos destinatários. A relevância está, sobretudo, no cerne mesmo desse "sui generis" gênero epistolar que permite indagações sem fim, em diversos campos da significação. As veredas das tensões e contradições do pensamento/aprendizado mario-deandradiano, nuançadas nas cartas, estão por ser percorridas. Assim, também, o delineamento da personalidade do escritor que elabora, na expressão testemunho/confessional, o perfil das máscaras e do rosto em rictus, de uma biografia desejada. E se isso já não bastasse,

* Mestrando de Literatura Brasileira.

persecutarmos o terreno singular da indagação lingüística e os limites didáticos, onde a carta, como toda a obra de Mário, serve de "lição, não de exemplo". Culminarmos, enfim, no espelhamento multifário de um período histórico, que virá à luz em 1995, pelo imenso painel de testemunhos da correspondência passiva no Arquivo Mário de Andrade. A concepção de "correspondência" ganhará sentido amplo. E aí, então, será só o início...

Do universo da correspondência de Mário de Andrade à carta a Otávio de Faria, passamos a caminhar pelos meandros de *Mundos mortos*. O romance, primeiro volume da *Tragédia burguesa*, traça o retrato das personagens quando jovens, acentuando o vórtice da descoberta do desejo e, ao mesmo tempo, a tensão instaurada pelo catolicismo castrador. "Mundo instável dos sentimentos" onde despontam, pela angustiante rebeldia, os ginásianos Ivo, Roberto e Carlos Eduardo; com eles, três atitudes na inevitável crise da adolescência. Os irmãos Ivo e Carlos Eduardo caminham em sentido contrário: o primeiro, "dissoluto," "abismando-se" no pecado que, afinal de contas, é só a vida — como ela é. O outro, o "anjo", "o milagre vivo", "uma criatura à parte", insensível, ainda — e para sempre, devido à morte prematura — aos clamores do corpo. O terceiro, Roberto, lembrará, em certa medida, o menino do conto "Frederico Paciência" de Mário, naquele sentimento contemplativo. Sentimento que a servil inconsciência dos padres, no romance de Otávio de Faria, chamará de "perversão", "anormalidade" e degeneração. Punido pela descontração moral religiosa, o menino descobrirá, na paixão secreta por Carlos Eduardo, o sentido da homossexualidade e o que ela traz de desconcerto. Anjo caído, desce ao Hades psicológico: à "repulsa de si mesmo", ao "vazio". No conjunto, adolescentes mortos e mortificados que Mário chamará de "puros". Encontramos, na carta, o microcosmo da gênese crítica. Mário aprofunda-se na compreensão da obra, calmamente, "de pijama", estendendo-se desde a elaboração temática e a psicologia das personagens, passando pelos procedimentos formais da narrativa (estilo, técnica, imaginação) para, finalmente, inserir na análise um elemento bem singular: o empolgar do leitor.

O poeta de *Remate dos Males* segue interessado a produção de Otávio de Faria. Muitas das opiniões que a carta contém serão retomadas posteriormente na imprensa ou em cartas para outros destinatários. *O empalhador de passarinho* traz algumas críticas, como por exemplo, "Do trágico" e "Os caminhos da vida", em que o escritor carioca aparece como o "agitador doutrinário" que constrói uma obra vincada pelo "pragmatismo virulento" e pelo "caráter panfletário". Mário discordará da ideologia de Otávio, mas não deixará de ver a "densidade dramática excepcional" dos textos dele. Na carta, em 1937, vemos o repúdio ao catolicismo como medida, como fatalidade que "apsicológica" as personagens do romance, dissociando o "físico" e a "alma", dando a nota aguda do inverossímil. Observamos, por outro lado, a experiência do crítico tornada medida do julgamento: "(...) por mais que eu tenha vivido, pelo menos em dois ambientes diversos de católicos, nunca se viu, nem posso aceitar, exista".

Nesse ponto, saímos da ficção e entramos na vida, com o cuidado requerido pelo próprio Mário, de não sobrepor ingenuamente a experiência pessoal à expressão literária. Mas aqui, é inevitável: "Quem morria, era Carlos Eduardo, eram outros como ele — outros que deviam certamente existir, em outros bairros, em outras cidades..." Lembrança dorida no livro, retomada como "um verdadeiro dó-de-peito" na carta. Mário evoca Renato, irmão mais novo que morre aos 14 anos, em junho de 1913, depois da complicação de uma queda em que bate a cabeça durante um jogo de bola no ginásio. A confidência de Mário é pungente e redimensiona o tom do julgamento crítico de *Mundos mortos*, entrelaçando a vida e a ficção, a carta e a crítica literária.

S. Paulo, 5-XI-37

Otávio de Faria,

são dez horas da manhã deste domingo e estou saindo da leitura de *Mundos mortos*, retomada felizmente ontem pela manhã. Não pude mais largar do livro e acabo agora.

Nunca fui dos seus grandes admiradores, você sabe perfeitamente disso, somos seres feitos por mãos e destinos muito diversos.

Considero mesmo certas maneiras de pensar de você e grande parte da sua crítica, um como que pragmatismo católico, desculpe, que me irrita enormemente. Si há idealismo que não possa de forma nenhuma ser pragmático, penso eu, é a incomparável e linear perfeição do Catolicismo. Mas si você me contrapor que este meu pensamento, não vem da parte de Deus, mas do Diabo, me calarei apenas, não de todo convencido que a razão esteja comigo. Isso faz muito parte das minhas melancolias.

Mas não é pra isso que lhe escrevo; lhe escrevo é porque lendo este seu romance admirável, estou desde ontem perseguido por uma lealdade invencível que me manda lhe escrever e lhe mandar o mais caloroso parabém. Estou mesmo espantado da vesguice da crítica indígna que nem sei mais si não pôde ou si não quis ver no seu livro um grande livro. À medida que lia, chegava mesmo, desesperado por essa atitude dos críticos, a tomar enceguedidamente o partido de você, me forçando em minhas fatais maneiras de julgar, pra não ver, pra não sentir, os pontos em que me dissentia do seu livro. Mas julgo que já adquiri meu equilíbrio, depois que duas horas de insônia que o seu livro me deu, foram vencidas por um sono perfeito.

No caso do seu livro, terei propriamente opiniões em contrário a esta ou aquela feição dele, ou apenas idiossincrasias. Não chego a saber bem, por agora. E talvez para sempre... Pra mim, não um defeito, mas uma como que grave insuficiência do livro, se tratando de rapazes ginásianos, foi você fazer os rapazes viverem, realizarem por si mesmos a sua própria psicologia, sem você, autor, fazer também a psicologia deles. Desta deficiência surgiu talvez um verdadeiro defeito: é que os rapazes ficaram assim bastante falsos. Por dois lados. Sinto, por exemplo, que eles ficaram vivendo a psicologia deles como si esta fosse uma faculdade exclusivamente "alma", sem físico. Si foi isso que o Manuel Bandeira quis dizer, numa crítica que fez do livro pelo *Dom Casmurro*, creio que tem razão. Mas se explicou mal. Não me lembro bem, mas si não me engano, ele falou que faltava objetividade aos personagens de você, não se sentia eles vivendo, a gente não via eles. Não tive esta sensação. Vejo Ivo, vejo menos Roberto, talvez o menos feliz dos três personagens propriamente estudados por enquanto, e vejo muito bem Carlos Eduardo. Acho mesmo que "ver" um personagem de romance não se entende por desenhar-lhe e realizar-lhe o nariz grosso ou fino, a maneira por que ri ou si agora está de pernas cruzadas ou não. Pelo contrário, na única página descritiva do romance, a briga entre Branco e Pedro Borges, só tenho louvores pra segurança perfeita, a concisão notável, o desprezo pelo pormenor objetivo que não adiantaria nada no caso. *Via* luta com muito mais exatidão *minha*, que si você se desse ao trabalho de me dar todos os socos e tapas que sucederam. Golpe de mestre verdadeiro, que fez o livro acabar num verdadeiro dó-de-peito. Sem a menor intenção de depreciar a extraordinária beleza desse fim. O dó-de-peito só é censurável quando deslocado ou quando se torna a finalidade do artista. Está longíssimo de ser o caso de você. Mas me perdi num detalhe de crítica e não queria isso. Estava dizendo que acho

a psicologia que os rapazes se deixaram fazer de si mesmos uma faculdade de alma, uma faculdade puro espírito. Embora as idéias que os rapazes têm, você as faça em grande parte derivar do corpo, essas idéias, assim que emitidas ou em *fiat* são idéias em que o corpo não existe mais, não reage, não descontrola, não desvia, não vem como fatalidade objetiva perturbar e tornar mais profundas, mais verdadeiras, mais sangüíneas. Apesar de muitas vezes criadas nos rapazes com sangue, se tornam logo sem sangue, puro jogo de idéias. Desculpe lhe dizer isto, que talvez lhe vá desagradar. Mas é incontestável que sinto que a psicologia, excessivamente pensada, dos seus personagens, ficou muito libertada do corpo.

Em segundo lugar, ainda acho que os rapazes ficaram bastante falsos como realidade humana, porque, por mais que você se conformasse a fazê-los expor em diálogos ou em períodos de discussão interior, a psicologia lá deles, você, como autor, não deixou de meter a sua colher-torta na psicologia dos rapazes. Quero dizer: esta se tornou por demais de autor, por demais experiente, para ser aceitável em todos aqueles dezesseis anos que estão vivendo no livro.

Incontestavelmente há muito de irrealidade, muito de autor, muito de inteligência excepcional em todos esses personagens, mesmo nos mais baços, como nos dois gêmeos. Também vivi toda a minha mocidade em grupos de rapazes católicos práticos, e muitos deles dissolutos. E também com outros dissolutos sem Catolicismo. Alguns desses seres que passaram na minha vida eram muito inteligentes e se tornaram grandes pessoas da vida. E conheci padres perfeitos e outros imperfeitíssimos. Chamo de perfeitos os torturados como padre Luís... Mas esse prodigioso e celestial ambiente de seres *todos*, absolutamente *todos* invulgares do seu livro, por mais que eu tenha vivido, pelo menos em dois ambientes diversos de católicos, nunca se viu, nem posso aceitar, exista.

É possível me contradizer que você está escrevendo um romance, e que este, como arte, ou mesmo aceitavelmente como intenção, nunca é a própria vida. Nem mesmo o foi pros ingênuos realistas. Aceito. Mas no seu caso, livro em que, como em raros, está realmente exaltada a grandeza do verdadeiro, trágico ... insuportável Catolicismo, vem a falta extrema de aparência real de ambiente um imoralismo bastante sutil. Na verdade, todos esses rapazes de romance psicológico têm muito de psicológicos, têm muito do "herói" à antiga. Ou são o herói que representa o Bem, ou o herói que representa o Mal, ou o herói que representa a tortura ou a indecisão. E, este é o imoralismo principal, na verdade os Leandros, os Marcos, e mesmo Pedro Borges e os gêmeos são uns "puros", são uns perfeitos (no duplo sentido da palavra, pois que são também uns perfazidos, uns completos), são uns perfeitos diante dos donos da vida. Porque você pretendendo fazer análise psicológica (mas a deixando fazer pelos rapazes) fez lógica, seres excessivamente lógicos, seres *fatais*. Na verdade mais verdadeira, as análises convertem todos esses rapazes em sínteses, apenas uns he-

róis de suas más ou más [sic] qualidades, das suas boas ou más tendências. E estas qualidades, aparecidas assim como essências de seres, vindas do mais profundo, não propriamente do mais necessário, mas do mais fatal deles, tornou-os na verdade uns puros — aquela pureza irrecorrível que existe dentro do revoltado dos anjos que se revoltaram. Não é Carlos Eduardo apenas o anjo do livro. Pedro Borges, desculpe esta espécie de vaidade besta, de continuar fazendo por mim a psicologia de Pedro Borges, Pedro Borges se se revolta contra a bobagem de chamarem de "anjo" ao Carlos Eduardo, talvez não o faça tanto, na sua admirável pureza de gozador materialista, por achar apenas ridículo o apelido, mas por um ciúme justo, por esse instinto de justiça que só se tem na juventude: é que Pedro Borges sente que em todos os seus conhecidos, mesmo nos que chama de hipócritas como Branco, em todos há uma fatalidade, uma lógica puríssima, que os torna a todos, anjos também. Não sei... talvez, Otávio de Faria, o seu defeito principal seja ser demasiadamente bom ou demasiadamente teso (o que representa a mesma coisa) pra poder em cores eficazes representar perfeitamente o bem e o mal. Falta em você a saudade do Bem. E falta também a saudade do Mal. Assim, mesmo nos rapazes ruins ou apenas maus do seu livro, permanece a pureza irrecorrível, dos anjos que se revoltaram contra Deus. São seres vindos de Satanás, feitos à imagem e semelhança de Satanás. Não são rapazes. Há no seu livro, sob este ponto-de-vista, uma imoralidade bem sutil. Mas poucos a perceberão.

Meu temperamento combativo gosta de se espriaiar nas dissensões, e agora, que chega o momento de elogiar a grande obra que você está escrevendo, fico sem ter muito o que dizer. Mas a um espírito como o seu, isso não poderá ferir. As dissensões que expus, você compreenderá perfeitamente, denunciam muito mais caracteres do seu livro, a maneira em que penso que ele é, pelo menos pra mim, mais que defeitos propriamente, defeitos objetivos que invalidam uma obra-de-arte. E de combate, porque seu livro é também de-combate.

Seu livro é muito bem escrito, numa língua natural que a gente nem percebe que é boa, tanto ela faz bem em não aparecer. Só não gosto muito é dessa mania, que considero pernóstica em nós, brasileiros, de escrever "se está fazendo", "se vai processando", que você emprega sistematicamente no interno das suas frases. Só uma vez, creio, você deixou escapar um "está se fazendo" bem mais natural. É só.

Como composição o livro é magistral. Grande técnica de romance, que parece você ter estudado muito as formas musicais.

Falta bastante imaginação, mas não estou convencido que isto seja sequer uma falha (quero falar da imaginação itinerante que irrompe à medida que a gente vai escrevendo e do que vai escrevendo), tanto a criação, me parece pensadíssima, da obra toda, é bem nascida, está bem urdida e se sustém como um bloco. É incontestável que a *Tragédia*

burguesa precisa continuar e acabar, para que a obra atinja o monumento que pretende ser e estou absolutamente convencido que você é capaz de fazer, porém já este livro por si, se sustenta sozinho. Não é preciso aguardar nada pra afirmá-lo um grande livro.

Finalmente, você consegue empolgar. É certo que no caso de Roberto você com todas as suas proibições, de que talvez você se imagine livre, só por ter afirmado a existência de padres bestas ou rúins, e de noventa por cento de maus católicos (proporção falsa, talvez derivada duma confusão entre católicos maus e católicos que não sabem...), no caso de Roberto as suas proibições deixaram você muito pouco à vontade, bastante deficiente como psicologia do rapaz, e principalmente dum freirático do mais repulsivo na bestíssima conclusão moral de que o fenômeno da homossexualidade não passa de um grande engano de idade. Si pelo menos você tivesse implicado uma "confusão de sentimentos"... Está claro que dentro da homossexualidade pode também haver, e são muitíssimo numerosos, casos de puro engano de idade. Não porém num caso de tal exaltação, tamanha e tão irrecorrível profundidade como o de Roberto. É verdade que Roberto ainda continuará vivendo, e não sei onde você planeja *deixar* que ele se leve a si mesmo. Pois mesmo caso de Roberto, que me pareceu bem mais frágil, você conseguiu me empolgar. Esse dom de empolgar tão raro, meu Deus! esse dom de criar a inexistência da fadiga espiritual, que faz a gente só mesmo abandonar um livro, quando a fadiga física faz com que os olhos não possam mais.

Quanto à segunda confissão de Ivo, tenho que é das páginas mais nobres, e ao mesmo tempo mais artísticas da literatura viva. Tenho ainda de salientar a técnica poderosa (você tem um grande dom de romancista, porque onde descobriu tamanha técnica já da primeira vez!) com que você não descreveu o Carlos Eduardo, não o fez viver, a não ser nas frases dos outros. Considero isso uma invenção genialíssima, que ainda tornou mais visível, mais perceptível, esse menino que não foi feito pra este mundo. Aliás no caso, lhe sou particularmente grato, porque si lhe tivesse contado o caso de meu mano mais novo, Renato, que morreu na mesma idade do Carlos Eduardo, um pouco mais novo, e também por um acidente, e que foi o mesmo "anjo" que Carlos Eduardo, você não teria descrito Renato com mais perfeição.

Muito cordialmente,

.....

Carta dirigida a Otávio de Faria, cópia do autor, carbono azul, datiloscrito, 3 folhas de papel sulfite verde (27,0 x 21,2cm); rasuras à máquina e à tinta preta exibindo 2 etapas na escrita. Tipos: substituição e correção. Cópia sem assinatura. A transcrição aqui apresentada obedece às normas ortográficas vigentes, respeitando-se, porém, as idiosincrasias do escritor ("si", "siquer" ...).